

O CINEMA COMO POTÊNCIA DE UMA NOVA TERRA POR VIR

Diogo José Bezerra dos Santos¹

Giovana Scareli²

Resumo: O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofes? Esta pergunta, que foi tema do VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e..., realizado na Unicamp em novembro de 2017, nos colocou em movimento de pensamento e desejos que buscaram relacionar o cinema, a filosofia e a educação com essa temática. Neste sentido, este artigo traz uma reflexão a partir do filme *Rabbit-Proof Fence*³. Para pensarmos com o filme, selecionamos fotogramas e escolhemos o método documental de análise de imagens, proposto por Ralf Bohnsack, para nos auxiliar. Para desenvolvermos a argumentação utilizamos como principais aportes teóricos, Deleuze, Guattari, Gallo, Kohan. Apontamos como fundamental em tempos de catástrofes o estímulo ao pensamento singular, mais livre possível de imitações, padrões, estereótipos e clichês, que apenas fazem reproduzir o velho e perpetuar posições. Trazemos uma reflexão acerca da educação, no sentido de que ela deve auxiliar o indivíduo a pensar por si próprio, produzindo subjetividade “descontrolada”, multiplicando singularidades, provocando pensamentos, quebrando rótulos, desconstruindo preconceitos, abrindo espaço ao campo da experimentação do não representado e do imperceptível, inventando novas condições e possibilidades de vida.

Palavras-chave: Educação; cinema; filosofia.

Resumen: ¿Qué puede el humano en sus devenires en tiempos de catástrofes? Esta pregunta, que fue tema del VII Seminário Conexões: Deleuze y Cosmopolíticas y Ecologías Radicales y Nueva Tierra y..., realizado en la Unicamp en noviembre de 2017, nos colocó en movimiento de pensamiento y deseos que buscaron relacionar el cine, la filosofía y la educación con esa temática. En este sentido, este artículo trae una reflexión a partir de la película *Rabbit-Proof Fence*. Para pensar con la película, seleccionamos fotogramas y elegimos el método documental de análisis de imágenes, propuesto por Ralf Bohnsack, para ayudarnos. Para desarrollar la argumentación utilizamos como principales aportes teóricos, Deleuze, Guattari, Gallo, Kohan. Aponemos como fundamental en tiempos de catástrofes el estímulo al pensamiento singular, más libre posible de imitaciones, patrones, estereotipos y clichés, que apenas hacen reproducir el viejo y perpetuar posiciones. Se trata de una reflexión acerca de la educación, en el sentido de que debe ayudar al individuo a pensar por sí mismo, produciendo subjetividad "descontrolada", multiplicando singularidades, provocando pensamientos, rompiendo etiquetas, deconstruyendo prejuicios, abriendo espacio al campo de la experimentación del no representado y, de lo imperceptible, inventando nuevas condiciones y posibilidades de vida.

Palabras clave: Educación; cine; filosofía.

A pergunta “O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofes?” nos colocou em movimento de pensamento e desejos que buscaram relacionar o cinema, a filosofia e a educação com essa temática. Concordando com Scareli e Fernandes quando afirmam que

¹ Licenciatura e Bacharelado em História – UFSJ. Mestrando em Educação. PPEDU/UFSJ. E-mail: diogo.oroiz@gmail.com.

² Professora e pesquisadora do Departamento de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação – DECED/PPEDU/UFSJ. E-mail: giovana_scareli@ufs.edu.br.

³ Título em Português (BR): *Geração Roubada*. Filme lançado em 2002, dirigido por Phillip Noyce, inspirado no livro de Doris Pilkington.

“o cinema, os filmes, os diretores de cinema e seus métodos de fazer cinema nos ajudam a compreender, não somente os seus filmes, mas também o mundo à nossa volta” (SCARELI; FERNANDES, 2016, p. 16), cogitamos refletir sobre a pergunta: O que pode o humano...? produzindo uma reflexão por meio do filme *Rabbit-Proof Fence*. O filme se passa na Austrália, em 1930. Mostra a história de três meninas aborígenes⁴ que são retiradas de suas famílias e levadas a um centro educacional, dos colonizadores, para serem educadas e inseridas na sociedade ocidentalizada. A maneira como as meninas se movem na narrativa pode nos dar pistas do que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofes.

Para pensarmos com o filme, selecionamos fotogramas e escolhemos o método documentário de análise de imagens, proposto por Ralf Bohnsack (2010), para nos auxiliar. O referido método busca identificar o maior número possível de níveis imagéticos que compõem a fonte, busca o deslocamento do sentido literal das imagens para o sentido documentário. O autor sugere uma série de passos para a análise, eles são inspirados fundamentalmente pelas análises iconográfica e iconológica, de Erwin Panofsky, e, icônica, de Max Imdahl. A análise pode ser dividida em seis passos, que são: discriminação da fonte; análise pré-iconográfica; análise iconográfica; composição formal; interpretação icônico-iconológica e, por fim, os elementos textuais. Selecionamos alguns fotogramas para aplicarmos o método documentário proposto por Ralf.

No início do filme há um jogo de imagens que mostra a diferença entre dois tipos de sociedade, a dos nativos australianos e a dos colonizadores ingleses. Essa relação fica bem marcada, principalmente, na construção cinematográfica que mostra o ambiente onde eles vivem. A figura 1 mostra o território onde os nativos habitam. Em plano de conjunto, o fotograma apresenta o ambiente onde aquelas pessoas, de várias idades vivem. Em primeiro plano três mulheres. A mulher mais velha, com seus cabelos brancos, ocupa o centro da imagem, de costas, observando três crianças e uma adolescente, que estão em segundo plano, preparando o alimento, debaixo de uma cabana rústica, feita com galhos de árvores. Em frente a cabana há uma pequena fogueira. Atrás dessa senhora, que ocupa o centro da imagem, estão outras duas mulheres de meia idade. No plano de fundo, quase imperceptíveis, vemos dois homens e dois cachorros. Este fotograma passa aos 5'11".



Figura 1 – Ambiente onde viviam os nativos – Fonte: Fotograma do filme *Rabbit-Proof Fence*

As meninas, protagonistas do filme, viviam com suas famílias e aprendiam o que era necessário para viverem como seus antepassados. Aprendiam com suas mães, tia e vó como rastrear trilhas de animais, caçar, abater a caça, coletar alimentos, produzir fogo, preparar a

⁴ Nativo australiano.

comida e mover-se pelo território. Um sistema de vida presumidamente equilibrado, visto que habitavam a região há pelo menos 150 mil anos.

Na figura 2, segundo fotograma que escolhemos para análise, em plano de conjunto, temos um ambiente fechado, uma sala de escritório com móveis, grandes armários com muitas gavetas, objetos industrializados como luminárias, telefone, relógios, móveis, mapa cartográfico. Temos na imagem duas pessoas brancas, um homem e uma mulher, com roupas sofisticadas e cabelos arrumados. Na cena, o homem é o Protetor-chefe dos aborígenes⁵ despachando os documentos para encaminhar as meninas nativas ao centro educacional. Esse fotograma se passa em 6'11" e na sequência das imagens vemos automóveis, prédios de vários andares, demarcando bem as diferenças entre os mundos dos nativos e dos colonizadores.



Figura 2 – Ambiente onde viviam os colonizadores – Fonte: Fotograma do filme *Rabbit-Proof Fence*

No caminho, do ambiente onde viviam com suas famílias até o centro educacional, as meninas fizeram uma viagem de trem, figura 3. Na imagem observamos um ambiente fechado. Vemos quatro pessoas, três crianças dentro de uma jaula, sentadas com as pernas recolhidas. Em pé, do lado de fora da jaula, vemos um homem velho, branco, usando uma roupa azul. Esta construção cinematográfica, das meninas sendo transportada dentro de uma jaula, marca no filme, o início do processo pedagógico e reforça essa apresentação dos nativos como seres animalescos, bárbaros, não humanos.



Figura 3 – Início do processo pedagógico – Fonte: Fotograma do filme *Rabbit-Proof Fence*

⁵ Personagem representante do Estado, o Sr. Neville é o responsável pelas políticas de inserção dos descendentes dos aborígenes na cultura ocidentalizada.

Na sequência do filme, as meninas chegam ao centro educacional. O fotograma, figura 4, mostra duas mulheres, uma em primeiro plano, no centro da imagem, toda vestida de branco, braços abertos, molho de chaves pendurado na cintura. Ao lado, em plano intermediário, vemos a outra mulher, também vestida de branco como a primeira. A imagem mostra também três homens, um de meia idade, com um terno escuro e um livro em mãos, um outro homem parado ao lado de um cachorro, e um terceiro homem, que usa roupas simples e chapéu, que está no canto da imagem. Vemos também crianças sentadas ao redor dos adultos. No plano de fundo vemos uma construção com uma cruz em cima, presumidamente uma igreja católica. Na cena, a câmera está em movimento, simulando o olhar de uma das meninas. As mulheres vestidas de branco são freiras católicas, responsáveis pela educação das crianças. O homem de terno escuro é o Protetor-chefe dos nativos, o representante do Estado, o responsável pelas políticas de inserção de nativos na sociedade “civilizada”. Com a bíblia na mão ele aparece, como uma pessoa que segue sua missão divina, de garantir a educação e a civilização daqueles povos. Assim como os Jesuítas procederam aqui no Brasil, diga-se de passagem. No plano de fundo, observamos a construção com a cruz em cima, a igreja católica, a principal construção do centro educacional.



Figura 4 - Centro Educacional – Fonte: Fotograma do filme *Rabbit-Proof Fence*

No centro educacional, um ambiente rígido, comandado por freiras e pelo governo Australiano, as crianças eram formadas para obedecer ordens, a cultivar a igreja católica com orações e cantos, a obedecer horários rígidos, a arrumar a cama, a varrer o ambiente, a tomar banho, lavar, pentear e arrumar os cabelos, utilizar pratos, usar sapatos, comer outro tipo de comida da qual estavam acostumadas. Aprendiam também a realizar trabalhos de menor qualificação, como serviços domésticos e costura. As crianças que desobedeciam estas regras eram castigadas. As crianças eram obrigadas a realizar tarefas por imitação. Fizemos uma montagem com fotogramas, figura 5, que mostra esse processo pedagógico.



Figura 5 - Processo pedagógico – Fonte: Fotogramas do filme *Rabbit-Proof Fence*

Vemos no filme o centro educacional utilizado pelos colonizadores como um dispositivo de dominação e aculturação. No livro de Walter Kohan, *O Mestre Inventor, relatos de um viajante educador*, o autor mostra que a escola oficial apenas fortalece o domínio do Estado colonizador e contribui para a extinção de culturas e para a homogeneização de modos de pensar e agir. As escolas oficiais deformam as pessoas que nelas adentram. Podemos corroborar com essa opinião se observarmos como era o funcionamento do centro educacional do filme. O pensamento que o livro e o filme nos traz neste momento é que a educação que pode realmente servir às pessoas, é aquela que reforça sua própria natureza e cultura, que é feita por semelhantes, pois caso contrário só causa antipatia e submissão. “Pois entre desiguais só pode haver antipatia, a causa da submissão, enquanto que a verdadeira simpatia, um *pathos* ou uma afeição comum, compartilhada, só é possível entre iguais. Assim, só há verdadeira educação entre iguais.” (KOHAN, 2015, p. 89).

Para termos uma ideia desse poder de controle e submissão que a educação pode proporcionar, vale lembrar que quando os ingleses chegaram no território, hoje Austrália, em 1788, lá existiam mais de duas mil etnias diferentes. Em duzentos e trinta anos a população desse território, se transformou em 98% branca, cristã, ocidentalizada e descendente dos ingleses (PASSETI, 2006). Esses centros educacionais implantados pelos ingleses, eram centros que ensinavam as crianças nativas a viverem como os brancos europeus, como ressalta o historiador Gabriel Passeti:

Tais “centros” eram, na realidade, campos de concentração de aborígenes, nos quais as crianças eram obrigadas a abandonar seus idiomas e costumes tradicionais, e assumirem uma orfandade. Passado este estágio, eram então, catequizadas e ensinadas a trabalhos da mais baixa qualificação: para os rapazes trabalhos agrícolas ou manuais urbanos, para as moças prendas domésticas. (PASSETI, 2006, p. 1)

Podemos traçar uma reflexão deste processo de aculturação das crianças do filme, no centro educacional, com o processo de aculturação do macaco, protagonista do conto *Um relatório para uma Academia*, de Franz Kafka. No conto, o macaco conta que também estava com seu grupo em seu ambiente natural quando foi caçado, capturado e preso em uma jaula. Essa foi a catástrofe na vida do macaco.

O macaco buscava uma saída da jaula, acreditava que se ele se comportasse como humanos poderia sair. No decorrer do conto, compreendemos que, a saída que ele encontrou foi imitar os homens, afinal, “Era tão fácil imitar as pessoas” (KAFKA, 1999, p. 69). O macaco imitava pois acreditava que não existia outra saída, ele aceitou a jaula, não acreditava que conseguiria escapar ao controle, acreditava que se tentasse a fuga, seria recapturado ou morto.

O que teria sido ganho com isso? Teriam me prendido de novo, mal a cabeça estivesse de fora, e trancafiado em uma jaula pior ainda; ou então poderia ter fugido sem ser notado até o lado oposto, onde estavam os outros animais, quem sabe até as cobras gigantescas, e exalado o último suspiros nos seus abraços; ou então conseguido escapar para o convés e saltado pela amurada: aí teria balançado um pouquinho sobre o oceano e me afogado (KAFKA, 1999, p. 69)

As crianças do filme também se viam em situações análogas a esta do macaco. Elas eram retiradas de seu território natural e colocadas em uma jaula. As crianças também viam na imitação a única possibilidade de escaparem da jaula. Assim como o macaco teve seus receios de tentar fugir

e ser preso, castigado ou morto, as crianças também tinham seus receios de serem recapturadas pelo Rastreador⁶, de serem punidas e colocadas pelas freiras em uma “jaula pior ainda”.

Assim como o macaco, as alunas que passavam pelo centro educacional também viam na aceitação, na imitação e na assimilação cultural a única saída da jaula. O quanto mais rápido eles aprendessem, mais rápido poderiam sair do sofrimento. “Eu aprendi, senhores. Ah, aprende-se o que é preciso que se aprenda! Aprende-se quando se quer uma saída; aprende-se a qualquer custo.” (KAFKA, 1999, p. 70). As crianças e o macaco aceleraram para formarem-se e aprenderem o que fosse preciso para escapar da jaula. Concordamos com o professor Silvio Gallo (2015), quando diz que:

Mais do que uma formação, porém, o macaco parece narrar uma “de-formação”; isto é, o processo que narra não é o de uma “formação”, em seu usual sentido positivo, de construção de uma identidade, de uma personalidade, mas sim aquilo a que precisou se submeter para poder ter sua saída, para que não ficasse indefinidamente preso numa jaula. (GALLO, 2015, p. 187)

O processo de educação do macaco, assim como o das crianças no centro educacional, é um processo de de-formação, des-educação, pois eles precisaram se despir de toda sua natureza, aprender a imitar modos de agir.

As três meninas, protagonistas do filme, ousaram dar uma resposta diferente à do macaco e à das outras crianças, diante da tentativa de condicionamento elas buscaram um devir revolucionário e resistiram à tentativa de aculturação. Como afirma o filósofo Gilles Deleuze, “a única oportunidade dos homens está no devir revolucionário, o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável.” (DELEUZE, 2013, p. 215). As meninas responderam o intolerável usando seus devires. “Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10). Elas não imitaram, não reproduziram comportamentos. Não assimilaram as ordens. Escaparam às representações e à tentativa de dominação e controle dos desejos. Elas seguiram seus devires, foram arrastadas por caminhos desconhecidos, improvisaram trilhas, variaram a conduta. Enfim, tornaram-se nômades e fizeram do caminho suas casas. As meninas também poderiam ficar paralisadas pelo medo de serem recapturadas e decidirem imitar para serem recompensadas, mas com a fuga do centro educacional elas ousaram suscitar um acontecimento que escapou ao controle.

Acreditamos que uma atitude como esta das meninas, cria buracos nas estruturas que trabalha para condicionar e controlar a subjetividade. As meninas ousaram romper o “cano de água” que canaliza e condiciona desejos, fizeram-se fugir, “[...] como quando se arrebenta um cano ou um abcesso. Fazer passar fluxos, sob os códigos sociais que os querem canalizar, barrar.” (DELEUZE, 2013, p. 30).

Desterritorializar, criar, inventar e arriscar. “Temos que pensar a desterritorialização como uma potência perfeitamente positiva” (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 69). Nesse sentido, Gilles Deleuze afirma que, “Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, (...)” (DELEUZE, 2013, p. 222). O que o humano pode fazer em tempos de catástrofe? A origem da palavra catástrofe, segundo o dicionário etimológico⁷, vem do teatro grego, ela é a estrofe do poema que faz os acontecimentos dramáticos se precipitarem em dor e sofrimento. A catástrofe é uma alteração brusca de um sistema. A catástrofe na vida das meninas aconteceu quando o Protetor-chefe as

⁶ Trata-se de Moodo, personagem aborígine que foi “civilizado” e usa seus conhecimentos para recapturar as fugitivas.

⁷ Disponível em: <<https://www.dicionarietimologico.com.br/busca/?q=catastrofe>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

tira de sua terra e as envia para um centro educacional. A suposta intenção, era proteger essas crianças da barbárie e civilizá-las, dando a elas a oportunidade de viverem inseridas na sociedade colonizadora. A visão antropocêntrica dos colonizadores via os nativos como seres humanos atrasados, bárbaros, que precisavam de ser educados. Nos centros educacionais as crianças eram educadas de maneira que eram obrigadas a abandonar sua natureza, costumes, língua nativa, modos de agir e aprender novos costumes, para serem úteis de alguma forma e serem inseridas na sociedade burguesa, civilizada, branca, cristã, ocidentalizada. A catástrofe na vida destas meninas, portanto foi essa mudança dramática e brusca de seus sistemas de vida.

A educação entendida como um território de transformações, é aquela que auxilia o indivíduo a pensar por si próprio, produzindo subjetividade “descontrolada”, multiplicando singularidades, provocando pensamentos, quebrando rótulos, desconstruindo preconceitos, abrindo espaço ao campo da experimentação do não representado e do imperceptível, facilitando novas condições e possibilidades de vida.

É preciso que cada um se afirme na posição singular que ocupa; que a faça viver, que a articule com outros processos de singularização, e que resista a todos os empreendimentos de nivelção da subjetividade. Pois esses empreendimentos são responsáveis pelo fato de o imperialismo se afirmar hoje através da manipulação da subjetividade coletiva, no mínimo, tanto quanto através da dominação econômica. Em qualquer escala que essas lutas se expressem ou se agenciem, elas tem um alcance político, pois tendem a questionar esse sistema de produção de subjetividade. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 50)

No livro *O mestre inventor*, o protagonista, professor Simón Rodríguez, assegura que o caminho para a transformação é pensar por si próprio e não imitar. “A alternativa é sempre uma e a mesma: de um lado, a criação, a invenção, o pensamento, a vida, a liberdade; do outro, a reprodução, o erro, a imitação, a opinião, o servilismo” (KOHAN, 2015, p. 70). Precisamos inventar, não existe outro caminho, e isso o Estado não quer para a educação. O que o Estado deseja é reforçar e expandir seu domínio, utilizando a educação como sustentáculo do seu poder. “É preciso inventar porque imitar pode significar reproduzir a estrutura de dominação e extermínio que vem prevalecendo durante séculos.” (KOHAN, 2015, p. 76).

Como propõe Deleuze e Guattari (1992, p. 131), “A revolução é desterritorialização absoluta no ponto mesmo em que esta faz apelo à nova terra, ao novo povo”. Com isso, podemos conjecturar que, para invocarmos uma Nova Terra, seja fundamental o estímulo aos nossos devires. “Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo” (DELEUZE, 2013, p. 218). Segundo Deleuze; Parnet (1998, p. 10), “[...] devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo.” Assim, é fundamental, principalmente em tempos de catástrofes, estimular o pensamento singular, mais livre possível de imitações, padrões, estereótipos e clichês, que apenas fazem reproduzir o velho e perpetuar posições.

Por fim, buscamos trazer uma reflexão acerca da educação, a partir do filme *Rabbit-Proof Fence*, sobre as possibilidades do pensamento criativo, produzindo subjetividade “descontrolada”, multiplicando singularidades, provocando pensamentos, quebrando rótulos, desconstruindo preconceitos, abrindo espaço ao campo da experimentação do não representado e do imperceptível, inventando novas condições e possibilidades de vida.

Referências

- BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens segundo o método documentário. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (Org.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é filosofia?*. Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2009.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- GALLO, Sílvio. A escola: lugar de formação?. In: SCARELI, Giovana (Org.). *Educação, culturas, políticas e práticas educacionais e suas relações com a pesquisa*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996
- KAFKA, Franz. Um relatório para uma academia. In: *Um médico rural*. São Paulo: Cia das Letras. 1999.
- KOHAN, Walter. *O mestre inventor*. Relatos de um viajante educador. Tradução: Hélia Freitas. Belo Horizonte: Autêntica. 2015.
- PASSETTI, Gabriel. Aborígenes e Estado australiano: sangue, civilização, segregação racial, e... coelhos. *Revista Virtual de História Klepsidra*, n. 27. 2006. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra18/geracao.htm>>. Acesso em: 29/10/2017
- RABBIT-PROOF FENCE*. Direção Philip Noyce. 2002. Austrália: Rumbalara Films / Showtime Australia production / Miramax. 94 min. Color.
- SCARELI, Giovana; FERNANDES, Priscila Correia. Cinema e cotidianos e pesquisa em educação. *Quaestio*, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 15-33, maio 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2564>>. Acesso em: 28 de jan. 2018.